

## DO TEXTO A INSTITUIÇÃO LITERÁRIA

Maria Helena Albé  
Mestre em Letras pela PUCRS

Partindo do pressuposto de que ensinar Literatura não é apenas transmitir um saber sobre a Literatura, mas ensinar a ler, propõe-se um exame do texto literário que consiste na experiência direta do aluno com o texto, para, a seguir, determinar um trabalho de abstração e de sistematização teórica. Esse procedimento reafirma o que é fundamental: o estabelecimento do contato indivíduo/texto. Em consequência do posicionamento assumido, apresenta-se uma alternativa de abordagem que visualize o texto como prática significativa e seja trajetória para apreciação de obras literárias na Escola.

A proposta teórica, a seguir definida, exige como pressuposto inicial a delimitação do texto literário. Sendo Literatura, o texto afirma-se pela literariedade, e não por ser fato cultural, o que, paradoxalmente, também é. Ainda que outras leituras sejam possíveis, quer-se salientar a emergência do vínculo do texto com a realidade externa, da qual ele é uma representação **sui generis**. Além disso, ele deixa perceber, a nível estilístico e temático, ecos, posições estratégicas que o escritor teve de assumir. A significação da obra é, portanto, referente, até certo ponto, à posição que o escritor venha a ocupar e ao caminho que teve de seguir para assegurar sua emergência. Para tanto, busca-se concretizar como leitura a apreensão do relacionamento homem/espaco — tema unificador e diretriz desta proposta.

Assim, compreendendo estratos distintos, a abordagem realiza-se em dois momentos:

1º — identificação do espaco romanesco no emaranhado do texto;

2º — complementação da análise do texto, objeto autônomo, com a análise institucional.

No primeiro momento, o da identificação do espaço romanesco, verifica-se que a união progressiva de imagens isoladas e sua organicidade determina, na descrição, o cenário. Os enunciados descritivos não só estabelecem relações ligadas ao homem e a seu espaço, como apresentam elementos de ordem causal e simbólica, indispensáveis à explicação do universo textual. No entanto, a dificuldade em discernir narração e descrição exige (a) a demarcação de fronteiras. Passo meramente introdutor, conduz ele ao (b) exame do funcionamento da descrição e ao (c) papel desempenhado pelos enunciados descritivos, ainda uma vez inseparáveis, porque somente a junção de ambas, descrição e narração, responde pelo significado<sup>1</sup>.

Não se pode buscar uma interpretação no isolamento dos dados descritivos que, gradativamente, são determinados. Inicialmente separados pela análise, na interpretação mesclam-se, incidindo uns sobre os outros. Mesmo que se coloque em primeiro plano o enunciado descritivo, é impossível ignorar sua ligação com o narrativo. Na transparência do primeiro lê-se o segundo; na soma de ambos, a relação homem/espaço.

O segundo momento, o da análise institucional, é possível porque o texto, modelo determinado de um mundo, recolhe igualmente o relacionamento do homem com o seu espaço. A presença de elementos da sociedade e da cultura permite, pois, que se passe à sociedade de referência e, conseqüentemente, ao autor. Para realizar essa trajetória, é imprescindível analisar a Literatura como fato institucionalizado.

A "ordem sacral dos Signos"<sup>2</sup> estabelece a Literatura como instituição: ao mesmo tempo em que pretende abstrai-la da História, como perenidade, permite manifestar sua ligação com a História. A forma dessa ligação impõe-se ao escritor como opção necessária, pois produção é um "ato de solidariedade histórica"<sup>3</sup>.

Sob essa perspectiva, torna-se possível ler uma polivalência de significações, cujos diversos sentidos se apresentam como proposta a um enfoque plural do texto. Ao se retomarem dados do momento anterior, tendo em vista a postura diante do texto e os objetivos do trabalho, a leitura dirige-se do espaço textual ao espaço extratextual, aquele ocupado pelo autor na Instituição Literária<sup>4</sup>. Estuda-se, assim, o texto e, a partir desse, a Instituição; a segunda somente poderá configurar-se a partir de contínuas retomadas do primeiro.

O escritor, necessariamente, estabelece uma estratégia de emergência, através da ligação de seu escrito com o conjunto

estruturado das posições que assume no campo literário. O fato literário, reputado como ato individual e singular, encontra-se relacionado a fatos coletivos, num processo de troca: troca simbólica e troca material.

A posição ocupada pelo escritor, seu modo de assumir o estatuto literário traduzem sua definição social no interior das possibilidades particulares que a Literatura oferece numa época determinada. Portanto, a análise sempre incide no autor e no seu produto e, através dele, no contexto institucional. Nesse contexto, determinam-se as diferentes instâncias, cujo trabalho interage sobre o produto no momento da elaboração, na definição ou na legitimação. São elas: a família, como instituição capaz de assegurar uma ação educadora baseada na inculcação de códigos sociais; a escola, reconhecendo modelos e celebrando valores; a censura, exercendo controle jurídico sobre as produções; o editor que, selecionando produções, se torna instrumento da política e opera, ao mesmo tempo, pelo judiciário, pelo ideológico e pelo econômico.

Pode-se representar cada uma das instâncias exercendo sua jurisdição: o salão ou a revista mantém a emergência; a crítica traz o reconhecimento; a academia engaja pelos seus prêmios ou suas cooptações e traz a consagração; a escola, com seus programas e manuais, integra definitivamente na Instituição e garante a permanência.

Mas o escritor não é submisso apenas aos produtores; ele é também um produtor de caráter intelectual, destinado a introduzir no universo social os temas, as formas, os símbolos, os discursos. Ele transforma um certo material e sua prática age sobre o real.

Com seu mecanismo de reprodução e sua rede de instâncias, a Instituição Literária define-se como sistema. O estatuto do escritor é determinado pela posição por ele ocupada nesse sistema. Ele é resultado, então, por um lado, do jogo das relações entre diferentes posições e, por outro, dos papéis interpretados a partir da posição considerada.

Anulada a tendência de tudo esclarecer por meio de fatores sociais, ou seja, anulada a correspondência rígida entre o ponto de chegada e o ponto de partida, a teoria da Instituição Literária foge a um esquema de explicitação com base em fatores estritamente externos. As afirmações nunca são definitivas, porque as contradições próprias à Instituição impedem um fechamento e remetem a contínuas e constantes retomadas de posição. Através de uma série de dados, pode-se traçar o per-

fil do escritor e de sua produção no sistema literário, uma vez que há fatores que intervêm, tanto na produção quanto na definição do lugar ocupado pelo escritor na Instituição. Entre eles, podem ser arrolados:

- a) a biografia;
- b) a prática de um gênero e o lugar desse gênero numa escala de legitimidade;
- c) a posição de enunciação afirmada no texto;
- d) as atitudes manifestas e as opções em matéria de programa estético: escrita e temática.

Através da explicitação dos fatores acima mencionados, pretende-se alcançar informações relevantes à compreensão do texto. A análise busca primeiramente a **história do escritor**, sem recorrer a um determinismo direto, como um dos elementos hábeis a veicular informações sobre a sua produção: as características sociais das quais o autor examinado se acha portador — origem familiar; dependência de classe; estudos; práticas não-literárias; adesão ideológico-política; as etapas da sua carreira, expressas em termos de formação, de emergência, de acesso ao poder simbólico, de consagração; as estratégias manifestadas nessas ocasiões; a participação em grupos e as relações interpessoais com outros agentes; as relações mantidas com as diferentes instâncias de produção e legitimação; as gratificações e trocas compensatórias obtidas no curso da carreira. Todos esses dados constituem recursos igualmente definidores da posição do escritor na Instituição Literária.

A posição que reconhece o envolvimento social do autor tem múltiplas funções: as informações biográficas permitem explicar o seu lugar na hierarquia da legitimação; as estratégias traçadas, o resultado alcançado; por sua vez, as experiências de formação, a relação com as instâncias e as posições firmadas no campo literário fornecem informações que são dados estruturais.

O texto, como produtor de sentido, desdobra-se sobre vários planos, e sua eficácia encontra eco numa estruturação específica. Ele designa, em primeiro lugar, de seu interior, uma relação com o estatuto literário e o uso que dele faz, o que, por sua vez, serve para instituí-lo. Todos os seus componentes contribuem para fixar esse estatuto. Entre eles, a **definição por um gênero** é de capital importância, pois, acarretando um grande número de elementos codificados, o gênero coloca o texto em determinado nível na escala de legitimidade literária.

Outra indicação, a **situação de enunciação** ocupada pelo escritor no momento em que escreve, também define o estatuto do texto. Existe um vínculo entre gênero escolhido e situação de enunciação e as relações com a Instituição que têm precedido a elaboração da obra. Todo texto deixa transparecer sua situação de enunciação, pois mostra, dissimuladas pela escrita, suas condições de produção e as relações de troca que estabelece. Por outro lado, traz a marca de seu autor, identificável com um nome como também com um estilo, conformando-se em autor-texto, objeto da crítica.

O escritor deposita, ainda, no texto uma **concepção da prática literária**, que lhe é ditada por sua posição no campo da literatura, uma vez que ela representa a "reflexão do escritor sobre o uso social da forma e a escolha que ele assume"<sup>5</sup>. Todavia, a prática literária revela-se fenômeno ambíguo: originando-se do confronto entre o escritor e a sociedade, reenvia o escritor ao material de expressão pertinente a essa mesma sociedade, fazendo com que o ato da escrita possa, assim, ser revelado enfaticamente em relação às exigências da Instituição, quer como reforço, quer como ruptura.

Uma vez que o mundo fala através de uma sociedade do texto, a ficção literária tematiza alguns aspectos da realidade social mais que outros. A **seleção dos temas** permite reconhecer uma posição sociológica do texto-autor em relação ao universo social histórico. Apesar de se ter em conta o trabalho da ficção, as temáticas relacionadas com o projeto ideológico do autor sofrem a mediação institucional.

Concluindo, reafirma-se que o texto não pode ser tratado como um objeto fechado. Com todo o seu aparato técnico, ele se apresenta sempre como um exemplar de entidades mais vastas e mais gerais do que ele próprio. Essa proposta de estudo, instalada inicialmente na leitura do texto, faz com que ele seja a via de acesso ao autor, à época e à Instituição Literária, fundindo-os numa interpretação dialética.

A validade desse procedimento de análise voltado para a leitura do texto literário mostra-se a partir do momento de sua aplicação. Ao reelaborar o texto, ao reproduzi-lo, aquele que lê pode ultrapassar os limites desse texto, chegando à produção de um texto próprio: leitura e prática da escrita tornam-se trabalho de relações entre a experiência pessoal e a alheia, participação ativa, crítica e invenção. Dessa forma, ensinar Literatura afasta-se da transmissão de conhecimentos, ao propor, a partir da leitura, a produção de textos, pois ela mesma, a Litera-

tura, é veículo essencial para o desenvolvimento da imaginação criadora.

A sugestão de um programa de leitura é o objetivo desse estudo. Ao concretizar-se, ele aponta para uma outra perspectiva, imprescindível ao ensino da Literatura: a elaboração de novos textos pelo aluno.

#### NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 — Para aprofundar as questões referentes à descrição, apontadas nesta proposta de leitura, sugerem-se os textos seguintes:
  - HAMON, Philippe. Qu'est-ce qu'une description? *Poétique*, Paris, Seuil (12): 465-85, 1972.
  - VIGNER, Gérard. Lire l'événement. In: *Lire: du texte au sens. Éléments pour un apprentissage et un enseignement de la lecture*. Paris, CLE International, 1979.
- 2 — BARTHES, Roland. O grau zero da escritura. In: *Novos ensaios críticos; o grau zero da escritura*. São Paulo, Cultrix, 1974, p. 117.
- 3 — Idem, *ibidem*, p. 124.
- 4 — Para a delimitação do espaço extratextual, o interesse recai em Jacques Dubois (*L'Institution de la Littérature*. Bruxelles, Labor, 1978, Collection Dossier Media), cuja proposição traça o caminho para o exame da relação autor/Instituição Literária.
- 5 — BARTHES, Roland, *op. cit.*, p. 124.